

Faveladas: repressão e feminilidade nos morros brasileiros

Silvia Sasaki¹, UDESC
silsasaki@gmail.com

Historicamente, a questão da exclusão social no Brasil traz diversos desígnios e sinônimos para tratar, basicamente, de problemas já conhecidos, principalmente em centros urbanos. Marginalidade, pobreza, drogas, violência entre tantas outras palavras, são vocábulos conhecidos, mas distantes de uma real solução. O fato é que dentro destes sistemas de exclusões, o mínimo de organização passou a existir por parte dos próprios excluídos, provavelmente por necessidade de sobrevivência.

Em geral, as favelas são comunidades estáveis, com residência a longo prazo e populações que abrangem várias gerações, dependendo de quando surgiram. Essa relativa estabilidade produziu na maioria das favelas uma coesão social e um senso comunitário que (apesar das queixas quanto às privações físicas) geralmente criam um sentimento de lealdade e identidade com uma determinada comunidade e também com a condição de favelado.²

Identidade, muitas vezes, construída a partir das necessidades dos excluídos que ali habitam. Nos casos das favelas, a partir da administração do tráfico, a segurança para a população local é feita pelos próprios traficantes, já que não há condições pacíficas para a atuação direta e total do Estado. Interessante para ambos, tanto traficante quanto morador aceitam um sistema alternativo de regras, beneficiando e punindo ora um ora outro, mas garantindo o mínimo de condições de sobrevivência que o próprio poder público não poderia garantir realmente.

Segundo Chalhoub, “intervenções violentas das autoridades constituídas no cotidiano dos habitantes da cidade, sob todas as alegações possíveis e imagináveis, são

¹Mestranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC.

²ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Um Século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 240 e 241.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

hoje um lugar – comum nos centros urbanos”.³ Neste caso, o autor se refere ao episódio de invasão e despejos do cortiço carioca Cabeça de Porco, em 1893, que “se transformou num dos marcos iniciais, num dos mitos de origem mesmo, de toda uma forma de conceber a gestão das diferenças sociais na cidade”⁴, mas que também pode ser generalizado como a realidade contemporânea nas favelas brasileiras. Porém, a questão da violência não é fator específico e proveniente somente por parte das autoridades e, ainda de acordo com Chalhoub, “(...)’classes pobres’ e ‘classes perigosas’ são duas expressões que denotam, que descrevem basicamente a mesma realidade”, sendo esta construção uma “forma de lidar com a diversidade urbana”⁵ através do imaginário social, mesmo que, na prática, existam reais diferenciações.

Tanto os cortiços quanto as favelas são espaços de convivência e moradia daqueles que, na maioria das vezes, são encarados como indivíduos ora atuantes, ora participantes, de um círculo problemático de termos já citados anteriormente, onde, segundo Zaluar e Alvito, “substitui-se o enfoque da desorganização social pelo enfoque da exclusão”.⁶ Não somente como construções, mas principalmente no âmbito de relações sociais, as favelas fazem parte da história brasileira, e são pertinentes aos discursos contemporâneos além de representarem muito da cultura popular que, muitas vezes, não se encontra nos meios urbanos e elitizados.

Diante disto, surgem pressupostos tanto de organizações como evidências de convivência entre seus habitantes, que diferem daqueles conhecidos e existentes em outras classes. Identidades são formadas nestes meios, e relações de gêneros ocorrem perenes a realidade do tráfico e da violência constante nos morros, e que também atinge o perímetro urbano. Muitas das grandes favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo, dentro de suas fronteiras, se estruturaram de tal forma que seus moradores freqüentam escolas, espaços de lazer, mercados e até meios de transporte sem precisar transpor os limites da própria favela, tornando praticamente independente seu funcionamento dos centros das cidades e o convívio e as relações entre os sujeitos “favelados” e o dos

outros bairros praticamente inexistente e desnecessário. Mesmo em favelas menores, a relação entre os sujeitos se limita, na maior parte do tempo, ao espaço da própria vizinhança, onde ocorrem

³ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril : cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 287.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

⁶ ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Op. Cit, p. 89.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

também as relações de matrimônio e onde, mesmo depois de se constituir família, casal e filhos continuam a ali morar.

As mulheres das favelas sofrem não somente as questões da marginalidade, mas também desempenham papéis de mães e domésticas tanto dentro de suas casas – ou, preconceituosamente, barracos – quanto em lares de outras famílias. O fator monetário não permite que estas desfrutem de objetos mais caros, mas estas também trabalham suas vaidades, principalmente relacionadas à beleza feminina. Diante disto, um novo olhar em se vestir, em se comportar, servem de prognósticos alusivos e preconceituosos por parte das outras classes que acabam por discriminar e ridicularizar certas ambiências como cores extravagantes, roupas muito justas ao corpo, o falar muito alto ou culturas musicais como o funk. Ainda, a errônea estereotipização social, também arraigada no imaginário urbano, construiu a mulher negra ou parda como sendo favelada e perigosa, de pouca instrução e de remuneração.

Como já dito, dentro das favelas existem leis e certa organização entre seus moradores. Tais relações, muitas vezes, se chocam, pois muitas imposições são feitas por parte dos traficantes, com maior poder de fogo, enquanto restante dos moradores, inclusive líderes comunitários, acabam por aceitar a fim de preservar suas próprias vidas. De acordo com Zaluar:

O movimento de associações de moradores nos bairros pobres cariocas também foi profundamente afetado pela presença de quadrilhas de traficantes de drogas, o que fez aumentar tão dramaticamente os índices de crimes violentos nesses locais que a morte e o estupro se banalizaram. Em compensação, os traficantes já vinham há tempos fazendo o papel de segurança do local, eliminando ou expulsando os que roubassem trabalhadores ou estupraassem suas filhas.⁷

Assim, também em outras favelas dos grandes centros urbanos, onde a política pública não atinge ou não surte efeito nenhum, as regras surgem de acordo com a necessidade dos habitantes, mas com interesse dos mais fortes que administram a comunidade.

O fato é que a questão do sexo e do corpo é encarada de modo muito menos velado, embora a igreja católica e, nas últimas décadas, também outras instituições estejam presentes, trazendo o estupro e até a pedofilia muito mais a tona e próxima do convívio social, ao menos de acordo com os registros policiais, dentro destas regiões. A maternidade ocorre cada vez mais cedo, além da quantidade de filhos ser elevada, e tudo isso encarado como algo natural. O maior problema, nestes casos, são as questões médicas onde não há controle de natalidade, nem acompanhamento tanto da mãe quanto das crianças por um especialista. Ainda, também se convergem os problemas da saúde

⁷ ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan :UFRJ, 1994, p. 102.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

pública em geral, onde os hospitais não estão preparados para atender a demanda e se encontram em estado precário, principalmente em regiões urbanas mais pobres.

As drogas são apresentadas logo cedo às meninas das favelas. Utilizadas, geralmente como “mulas”, uma vez que as penas são mais brandas e menores em caso de crianças e adolescentes, o fácil acesso aos narcóticos e drogas lícitas, como o álcool, põem em risco a saúde física e mental, restando para elas, como em um círculo vicioso, uma vida de crimes e exclusão. Neste caso, ainda, existe a questão da prostituição para a sobrevivência própria e dos familiares como também para sustento do vício, muitas vezes, em drogas pesadas como o *crack* que, embora relativamente barato, é consumido diversas vezes por dia.

Vítimas ocultas da violência tanto por parte dos criminosos como também de policiais, as leis da favela – como já citado, em sua maioria criadas por traficantes – também são diretamente aplicadas em casos de punição, muitas vezes, em acusações fúteis diante do tamanho da penalidade, como raspar os cabelos da acusada em caso de infidelidade ou serviços sexuais impostos como pagamento de dívidas, segundo relatório da Anistia Internacional, do ano de 2007. Este mesmo documento demonstra a mulher vista como troféu ou “moeda de troca” em situações de tráfico e acordos entre gangues, onde também é relatado um novo projeto por parte do governo brasileiro, incluindo-se habitação e saúde, mas com “muito pouco efeito” para atender às necessidades específicas das mulheres.

Em um ambiente onde as armas, além da compra facilitada e em grande quantidade, são as facilitadoras na resolução dos problemas entre os sujeitos, as mulheres transitam neste espaço, não somente em questões criminosas, mas também relacionadas aos sentimentos. Os crimes passionais não ocorrem, obviamente, só em favelas, mas como a questão do armamento é algo comum e disseminado, principalmente, em morros onde o tráfico e a violência são dominantes, notícias como a que segue são comuns, mas nem sempre veiculadas na imprensa:

Familiares de Elane contaram que ela teria sido casada com Ranieri, mas o militar nunca aceitou a separação e discutia com ela frequentemente. A hipótese de ligação do crime com o tráfico de drogas também não é descartada, já que Pedro, conhecido como Bobo, tinha passagens na polícia por crimes de tráfico e foi um dos 49 presos que fugiu da Polinter em 2004, quando um buraco foi aberto na cela por um caminhão. (Jornal O Globo, publicado em 08/09/2008. “Sargento da Marinha mata vizinho na Ilha do Governador”)⁸

O fato é que, as relações sentimentais para as mulheres, das favelas, são vistas sob o prisma romântico, mas perigoso, por parte delas; e de poder, por parte da maioria dos homens. Embora o

⁸ O GLOBO (on-line). São Paulo, 2008. Disponível na Internet. URL: <http://oglobo.globo.com>

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

casamento religioso seja almejado por muitas, tanto homens como mulheres se relacionam com muitos parceiros, culminando na incidência de muitas mães solteiras e com numerosos filhos. Segundo Zaluar:

Usualmente, o envolvimento das mulheres começa pelo amor por um bandido ou pelo vício. Começam a furtar para ajudar o namorado ou para pagar a droga. São elas também que escondem as drogas e as armas em casa e que passam a roubar nas lojas para dar roupa bonita e dinheiro aos namorados. Frequentar a boca e estar metida entre bandidos, no entanto, pode ser entendido como possibilidade de estupro pelos rapazes. A lógica, segundo a fala de bandidos de algumas quadrilhas é perversa: ‘deu para o meu irmão’ ou ‘deu para um’, ‘tem que dar para os outros’, ‘tem que dar para todos’. ‘Na marra’.⁹

Como mães e esposas, muitas cumprem seu papel de proteção intensamente. O documento da Anistia Internacional, acima citado, diz que, além de "sofrer com a perda de parentes", essas mulheres têm de "criar famílias em um ambiente carregado de perigos" e tentar manter "a si mesmas e a seus filhos em segurança da violência e da intimidação tanto dos criminosos como da polícia". O feminino, neste caso, se estabelece em outros signos. Muito mais que uma simples doméstica, esta compartilha com o marido, filhos ou parentes próximos às relações que podem ser de ajuda, quando o outro está preso ou sendo perseguido; ou de encobertamento ao tráfico e/ou roubo. Tanta dedicação pode tanto torná-las indiferentes ao mal provocado por seus homens, quanto também pode configurar-se em um signo de última moralidade, causando nestes mesmos homens o sentimento de vergonha e repúdio por seus atos, diante da supremacia simbólica que esta mãe/esposa dissemina na mora que constrói tal indivíduo, principalmente em casos da ausência da figura paterna. Ou seja, essas mulheres vão mais que à luta, vão à guerra.¹⁰

Dentro das moradias, a intimidade feminina é comprometida. Em cômodos pequenos e compartilhados por diversos moradores, sobra pouco espaço para a individualidade, embora a vaidade seja de suma importância para a maioria delas. Consumidoras de produtos mais baratos, projetos como “Beleza Pura”, realizado pela ONG Viva Rio, tem como foco a revalorização feminina, desde a estética até a psicológica, que muitas vezes é a mais problemática. Através de palestras, impressos e site, usado como facilitador para outra proposta de inclusão digital, informações importantes são repassadas de modo objetivo e divertido, fidelizando as moradoras, como por exemplo, a matéria sobre a importância do preservativo intitulada de “Sexo Oral: delicioso e sensual”.

⁹ Ibidem, p. 227.

¹⁰ Ibidem, p. 213.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

Porém, conceitos morais antiquados ainda são muito comuns nas favelas. Ressaltar a beleza do corpo de modo exagerado e insinuante, além de ter muitos amantes, pode trazer problemas para essas mulheres, principalmente as mais novas:

Namorar muito e vários homens é interpretado como comportamento de ‘piranha’. Algumas das ‘piranhas’ foram curradas por vários rapazes ao mesmo tempo, nas quadrilhas dos ‘perversos’, ‘maus’ e ‘sanguinários’. As outras estupradas por um apenas.¹¹

Assim, as questões de feminilidade nas favelas transitam pelas fronteiras entre cuidar e mostrar o corpo, como os bailes funks e carnaval, ao libertino criminoso, através dos estupros e pedofilia.

Em relação ao papel das mulheres que se envolvem com a vida criminosa, nas favelas, estas mantêm um papel secundário nas atividades marginais. Elas se especializam em roubar lojas e supermercados, de onde trazem roupas, gêneros alimentícios, bebidas e o que mais for possível para dividir entre elas, ou dar aos seus homens. As mais velhas são muito habilidosas na arte de carregar mercadorias variadas entre as suas pernas e andar pelo supermercado como se nada acontecesse. São as ‘minas do pisa’, porque pisam sem despertar desconfianças. “As mais jovens, que não tem esta capacidade de ‘sair no pisa’, entram no estabelecimento, enchem as bolsas de mercadoria e saem com elas na cara dos caixas e dos seguranças, arriscando a sorte”.¹²

O estereótipo da mulher das favelas e a localização de seu papel dentro delas também se constrói diante do modelo do sujeito masculino. Em um meio extremamente viril, onde as demonstrações de poder ocorrem no limite entre a vida e a morte, andar armado e ostentar objetos caros põe o indivíduo em evidência, agradando, principalmente, aos olhares femininos:

Neste jogo de sedução, é importante também a roupa ‘de marca’ e os sinais exteriores de riqueza: cordão de ouro, carro, gastos em motel, etc.. É o que demonstra que existe dinheiro no bolso, para ser gasto a qualquer hora, porque ‘mulher não gosta de sufoco’. Ainda aqui o feminino é mero elemento na competição entre os homens.¹³

Interessantemente, até o início do século XX, somente as pessoas brancas e com posses podiam comemorar nas ruas o carnaval. Com o passar das décadas e a profissionalização das agremiações e escolas de samba, tal festa se tornou tão popular e democrática que tais instituições se estabeleceram em morros e bairros mais simples, transformando radicalmente o caráter elitista

¹¹ Ibidem, p. 227.

¹² Ibidem, p. 269.

¹³ Idem, p. 230.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

antes instituído. “As escolas de samba são hoje empresas milionárias, quase todas controladas por donos do jogo do bicho ou do tráfico de drogas, que vem exercendo junto á comunidade as funções do Estado e do mercado.”¹⁴

Assim, outro momento de extrema importância para as questões de feminilidade é o carnaval brasileiro. Trazendo a realidade da festa para dentro destes lares, como algo muito esperado, ensaiado e até profissionalizado, em uma ambientação festiva, o momento é intenso e, para as mulheres que ali desfilam e participam, trata-se da questão da fantasia e da possibilidade de mostrar-se e ser vista não como uma favelada, mas travestida de uma realidade fantasiosa que dura somente até o final da passarela ou da rua, mas que é extremamente gratificante.

O problema é que, hoje, no contexto do crime organizado, a liberdade da rua não mais significa a boemia, a camaradagem dos bares, a criação da música e da cultura popular. Ela está associada á cobiça, á guerra por ganância e a violência pela violência, decorrentes da agressividade e do desejo de poder ilimitado dos homens, que faz das mulheres objetos de cobiça e vítimas preferenciais.¹⁵

O reconhecimento do código local garante a sobrevivência pacífica entre moradores e traficantes. Este mesmo entendimento se reflete nas concepções relacionais entre homens e mulheres, que compreendem o espaço em que atuam diante da repressão que os cercam. Estamos falando de uma mulher estigmatizada pelo local em que habita, reprimida por práticas mudas de uma sociedade que, em grande maioria, se auto localiza como distante dos problemas das favelas, mas que ao mesmo tempo o compartilha. São mulheres não conformadas com o “não ter” e, para isso, comprometem-se com as leis dos morros. Alocam-se na dura realidade de sobreviver no limiar da marginalidade, mas sem se desfazer totalmente do fantasioso.

¹⁴ ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Op. Cit. p. 178.

¹⁵ ZALUAR, Alba. OP. Cit. p. 232.